

Petrarca e a imitação de Cícero

Bianca Fanelli Morganti

*Departamento de Letras - EFLCH
Universidade Federal de São Paulo*

Resumo: Em uma das suas mais ilustres cartas *Familiares* (24.4), destinada ao orador romano Marco Túlio Cícero, Petrarca estabelece Virgílio como guia principal para a sua jornada poética, enquanto o próprio destinatário, *Romani eloquii summus parens*, é corroborado como o modelo primeiro da sua produção em prosa. Este artigo pretende, a partir da concepção petrarquista de *imitatio* expressa em diversas das suas epístolas e mencionada também em outros dos seus escritos em língua latina, abordar a apropriação de Cícero como modelo para a sua prosa e para a construção do seu *ethos* de orador cristão e douto letrado.

Palavras-chave: poética, *imitatio*, Petrarca, ética cristã, letras clássicas.

Abstract: In a widely known *Familiar* letter (24.4), fictitiously addressed to the Roman orator Marco Tulio Cicero, Petrarch sets forth Vergil as the leading guide on your poetic journey whilst Cicero himself, the *Romani eloquii summus parens*, is pointed out as the prime model of Petrarchan prose. This paper aims to present an approach to the Petrarchan's use of Cicero as one of the most important models both for your prose writings and for the *ethos* of Christian orator and wise man of Letters which Petrarch carefully builds to himself through his works.

Keywords: poetics, *imitatio*, Petrarch, Christian ethics, classical literature.

Ao longo de toda a sua obra latina, Petrarca indica, de modo mais ou menos manifesto, os modelos que adota, as autoridades e as tópicas de que lança mão na construção de sua argumentação e na elaboração do seu estilo. Numa de suas mais famosas cartas,

a *Familiar* 24.4, destinada a Cícero, ele estabelece Virgílio como guia para a sua prática poética, enquanto a sua prosa tomaria como modelo primeiro a produção do seu ilustre destinatário, a quem ele designa *Romani eloquii summus parens* ou *Pai supremo da eloquência romana*.¹

Logo nas primeiras linhas de uma outra epístola desta mesma coletânea, a 22.2, destinada ao amigo Giovanni Boccaccio, Petrarca expressa as suas preferências, por um lado, dizendo ter frequentado mais intensamente os “escritores maiores” - Virgílio, Horácio, Boécio e Cícero -, e por outro, assumindo ter menor familiaridade com os ditos menores - Ênio, Plauto, Marciano Capela e Apuleio.² Mais do que as preferências de Petrarca, a

1 Cf. *Fam.* 24.4.3-4: *Ego nichil in te rideo, vite tantum compator, ut dixi; ingenio gratulor eloquio ve. O romani eloquii summe parens, nec solus ego sed omnes tibi gratias agimus, quicumque latine lingue floribus ornatur, (...)* (Eu não ridicularizo nada em ti, somente me compadeço da tua vida, como eu disse; e ainda te congratulo pelo teu engenho e pela tua eloquência. Ó pai supremo da eloquência romana, não apenas eu mas todos nós que somos ornados com as flores da língua latina lhe agradecemos...) e *Fam.* 24.4.9-10: *Utriusque enim sententiae auctores sunt; te, si ex libris animum tuum novi, quem nosse michi non aliter quam si tecum vixissem videor, ultime assertorem futurum, ut que in oratoria dedisti sic in poetica palmam Latio daturum, atque ut Eneydi cederet Ylias iussurum fuisse non dubito, quod iam ab initio virgiliani laboris Propertius asseverare non timuit.* (De fato, há autoridades de ambas as opiniões; mas se, a partir dos teus livros, conheci o teu ânimo, que sinto ter conhecido de um modo não distinto do que se tivesse vivido junto contigo, tu escolherias o último, e assim como tu conferiste a palma ao Lácio na oratória, a conferirias a ele também na poética; e não duvido que tu tivesses determinado que a *Iliada* se renderia à *Eneida*, algo que, desde o início do trabalho virgiliano, Propércio não temeu afirmar.) As traduções do latim para o português apresentadas neste artigo são, salvo indicação, de minha autoria. E as passagens latinas das *Familiares* de Petrarca são citadas a partir da edição de Vittorio Rossi: PETRARCA, *Le Familiari*. Edizione critica per cura di Vittorio Rossi. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 2008. 3 volumes.

2 Conforme observa Martelotti, Petrarca, diferentemente de Dante, não divide

lista de autores evidencia que a doutrina e a prática da *imitatio* antiga, que não foi decerto estranha à produção latina do extenso período dito medieval, está canonicamente associada também à produção petrarquista. Embora já Dante tivesse ocasionalmente tratado a *imitação* em seus primeiros escritos³, foi Petrarca quem se debruçou de modo mais sistemático e detalhado sobre o tema, particularmente em sua produção latina.

os escritores com base em critérios de forma, separando poetas de prosadores. O critério adotado por Petrarca foi o maior ou menor status então atribuído a estes autores. (cf. MARTELOTTI, G., ‘Latinità di Petrarca’. *Studi Petrarqueschi*, 7, 1961, pp. 219-30; publicado novamente em MARTELOTTI, G. *Scritti Petrarqueschi*. A cura di Michele Feo e Silvia Rizzo. Padova: Editrice Antenore, 1983, pp. 290-301.) McLaughlin ressalta que a lista de Petrarca mostra-se organizada de modo bastante cuidadoso, tendo o gênero como fio condutor na escolha dos poetas que a integram: “*But Petrarch’s list is actually carefully ordered, and determined by genre rather than by moral content: all the classical genres are represented and each minor writer contrasts with a major one in the same genre. Thus Ennius and Virgil represent epic poetry, Plautus and Horace comic/satirical verse, Capella and Boethius the prosimetrum, while Apuleius and Cicero, for all their differences, are prose-writers and philosophers.*” (cf. MCLAUGHLIN, M., *Literary Imitation in the Italian Renaissance. The theory and Practice of Literary Imitation in Italy from Dante to Bembo*. Oxford: Oxford University Press, 1995.)

3 cf. DANTE, *Convivio*; *Vita Nuova* (cap. 25) e *De vulgari eloquentia* 2.4.3: *Idcirco accidit ut, quantum illos proximius imitemur, tantum rectius poetemur. Unde nos, doctrine operi intendentes, doctrinatas eorum poetrias emulari oportet.* (Por isso, ocorre que, quanto mais de perto os imitarmos, mais corretamente poetaremos. Consequentemente, convém a nós, que buscamos os ensinamentos da obra, emular as poesias repletas de ensinamentos daqueles homens.) Para Dante, a *imitatio* dos autores clássicos era perfeitamente possível em língua vulgar, e a sua reflexão sobre o processo imitativo está condicionada à sua defesa da elevação da língua vulgar. De acordo com o poeta, em seu *De Vulgari Eloquentia*, a imitação dos autores clássicos, e particularmente a imitação das suas construções sintáticas, contribuiria para o aperfeiçoamento e para a elevação da poesia vernacular. (cf. DANTE, *De vulgari eloquentia*. Introduzione, traduzione e note di Vittorio Coletti. Milano: Garzanti, 2000 e MCLAUGHLIN, *op. cit.*, p. 17)

São três as epístolas de Petrarca nas quais a *imitatio* figura como tema central, as *Familiares* 1.8, 22.2 e 23.19.⁴ Todas essas três cartas foram escritas depois que Petrarca entrou em contato, pela primeira vez, com um manuscrito do *De Oratore* de Cícero que, embora incompleto, continha passagens importantes sobre esta questão. Nas margens do manuscrito que pertenceu a Petrarca pode-se verificar suas anotações e comentários a passagens do *De Oratore* dedicadas à imitação.⁵ Dentre as passagens que mereceram particular atenção de Petrarca, destacam-se a 2. 89-90, sobre a relação entre capacidade natural e a escolha de um modelo único que lhe fosse mais conveniente e a subsequente censura à imitação dos vícios de um modelo⁶, e a passagem 2.152,

4 cf. PETRARCA, *Le Familiari*. Edizione critica per cura di Vittorio Rossi. Casa Editrice Le Lettere, 2008. 3 volumes. A *Fam.* 1.8 data de inícios dos anos 50 e foi dirigida a Tommaso Calorio di Messina; as outras duas epístolas (*Fam.* 22.2 e 23.19) foram destinadas a Boccaccio, em 1359 e 1366 respectivamente.

5 cf. BLANC, P., “Petrarque lecteur de Cicéron. Les Scolies pétrarquienes du *De Oratore* et de l’*Orator*.” *Studi Petrarqueschi*, 9, 1978; pp. 109-166.

6 cf. CICERO, *De Oratore* 2.90: *Ergo hoc sit primum in praeceptis meis, ut demonstremus quem imitetur; atque ita ut quae maxime excellent in eo quem imitabitur, ea diligentissime persequatur. tum accedat exercitatio, qua illum quem delegerit imitando effingat atque exprimat <at non> ita ut multos imitatores saepe cognoui, qui aut ea, quae facilia sunt, aut etiam illa, quae insignia ac paene vitiosa, consecretur imitando.* (Portanto, seja este o primeiro entre os meus preceitos: que indiquemos quem deve ser imitado, e de tal modo que se persiga com maior diligência aquelas coisas que sobrepujam ao máximo naquele que se imitará. Em seguida, acrescente-se o exercício, através do qual represente e retrate, pela imitação, aquele que tiver escolhido, mas não como muitos imitadores que com frequência conheci, que, ao imitar, perseguem as coisas que são fáceis ou ainda as que são particulares e quase viciosas.) As passagens latinas do *De Oratore* de Cícero são, neste artigo, citadas a partir da edição da Loeb: CICERO, *De Oratore*. The Loeb Classical Library. London; Cambridge: Heinemann; Harvard University Press, 1976-82.

sobre a imitação involuntária⁷, ambas destacadas e anotadas por Petrarca.

Mais significativa para a argumentação empregada nessas epístolas, contudo, parece ter sido a aquisição, em 1350, de um manuscrito, igualmente incompleto, da *Institutio Oratoria* de Quintiliano, ainda mais intensamente anotado pelo poeta.⁸ O manuscrito de Petrarca não continha o primeiro capítulo do livro 10, inteiramente perdido, mas contava com o capítulo seguinte. Neste segundo capítulo, considerando a *imitatio* um elemento integrante da composição, Quintiliano condena a imitação feita sem cuidado e sem discernimento:

E, por Hércules, é necessário que sejamos semelhantes ou diferentes dos bons. Raramente a semelhança provém da natureza, frequentemente provém da imitação. E essa mesma imitação, que torna o entendimento de todas as coisas tão mais fácil para nós do que foi para eles, que não tiveram

7 cf. CICERO, *De Oratore* 2.152: *sed Aristoteles, is quem ego maxime admiror, posuit quosdam locos ex quibus omnis argumentatio non modo ad philosophorum disputationem, sed etiam ad hanc orationem, qua in causis utimur, inveniretur; a quo quidem homine iam dudum, Antoni, non aberrat oratio tua, sive tu similitudine illius divini ingenii in eadem incurris vestigia, sive etiam illa ipsa legisti atque didicisti, quod quidem mihi magis veri simile videtur;* (Mas Aristóteles, aquele a quem eu mais admiro, estabeleceu alguns lugares a partir dos quais se poderia encontrar toda argumentação, não apenas para as disputas dos filósofos mas também para este discurso que fazemos nos tribunais. E o teu discurso, Antonio, já há bastante tempo não se afasta daquele homem; ou percorres suas mesmas pegadas em virtude da sua semelhança com aquele engenho divino, ou ainda, o que me parece de fato mais verossímil, porque leste e aprendeste com esta obra;)

8 cf. NOLHAC, P., *Pétrarque et l'humanisme*. Paris: H. Champion, 1907, ii. pp. 83-94 e ACCAME LANZILOTTA, M., “Le postille del Petrarca a Quintiliano (Cod. Parigino lat. 7720)”, *Quaderni Petrarqueschi*, 5 (1988).

nada para seguir, prejudica se não for tomada com cuidado e discernimento.⁹

É também Quintiliano quem elogia a habilidade de Cícero em imitar as virtudes de Demóstenes, Platão e Isócrates¹⁰, e aconselha expressamente ao orador não imitar apenas um único modelo.

E assim, eu não o aconselharia a fixar-se num único modelo em particular, a quem siga em todas as coisas. Demóstenes é o mais perfeito dentre todos os gregos, mas pode haver algo melhor de algum autor em algum outro lugar. Muitas vezes, é ele, de fato, o mais perfeito. Mas nem mesmo ele deve ser imitado à exaustão e nem tampouco deve ser o único a ser imitado.¹¹

9 cf. QUINTILIANO, *Institutio Oratoria*, 10.2.3: *Et hercule necesse est aut similes aut dissimiles bonis simus. Similem raro natura praestat, frequenter imitatio. Sed hoc ipsum, quod tanto faciliorem nobis rationem omnium facit quam fuit iis, qui nihil quod sequerentur habuerunt, nisi caute et cum iudicio apprehenditur, nocet.* (cf. À margem dessa passagem, anota Petrarca: *est quando nocet imitatio* (é quando a imitação prejudica). cf. ACCAME LANZILOTTA, M., *op. cit.*

10 cf. QUINTILIANO, *Institutio Oratoria*, 10.1.108: *Cedendum vero in hoc, quod et prior fuit et ex magna parte Ciceronem, quantum est, fecit. Nam mihi videtur M. Tullius, cum se totum ad imitationem Graecorum contulisset, effinxisse vim Demnothenis, copiam Platonis, jucunditatem Isocratis.* (De fato é preciso ceder em relação a isso, porque foi o mais importante e, em grande parte, fez de Cícero aquilo que ele é. Pois parece-me que M. Túlio, ao se ter dedicado inteiramente à imitação dos Gregos, representou a força de Demóstenes, a copiosidade de Platão, o encanto de Isócrates.) Os textos latinos das *Instituições Oratórias* citados neste artigo correspondem aos da edição de Henri Bornecque. cf. QUINTILIAN, *Institution Oratoire*. Texte revue e traduit avec introduction et notes par Henri Bornecque. Paris: Librairie Garnier Frères, s/d.

11 cf. QUINTILIANO, *Institutio Oratoria*, 10.2.24: *Itaque ne hoc quidem suaserim, uni se alicui proprie, quem per omnia sequatur, addicere. Omnium perfectissimus*

A defesa da imitação de mais de um modelo parece ter sido, para Petrarca, a mais importante asserção de toda a *Institutio Oratoria*; é reiterada por ele na epístola 22.2, já mencionada, e é o princípio fundamental da concepção de imitação que adota.

E o que mais? Sou aquele que se alegra de seguir a trilha dos melhores, mas nem sempre os passos alheios; sou aquele que agora gostaria de utilizar os escritos de outros, não furtivamente mas por empréstimo, conquanto me seja permitido preferir os meus; sou aquele a quem agrada a semelhança, não a identidade, e uma semelhança não excessiva, mas na qual brilhe a luz do engenho daquele que persegue a trilha, e não a sua pobreza ou a sua cegueira; sou aquele que confessa ter antes carecido de um condutor do que ter sido coagido a seguir um condutor em todas as coisas.¹²

Nesse sentido, diferentemente dos chamados ‘ciceronianos’, que protagonizaram o debate quinhentista sobre a *imitatio*¹³,

Graecorum Demosthenes; aliquid tamen aliquo in loco melius alii. Plurima ille. Sed non qui maxime imitandus et solus imitandus est.

12 cf. PETRARCA, *Fam.*, 22.2.20: *Quid ergo? Sum quem priorum semitam, sed non semper aliena vestigia sequi iuvat; sum qui aliorum scriptis non furtim sed precario uti velim in tempore, sed dum liceat, meis malim; sum quem similitudo delectet, non identitas, et similitudo ipsa quoque non nimia, in qua sequacis lux ingenii emineat, non cecitas non paupertas; sum qui satius rear duce caruisse quam cogi per omnia ducem sequi.*

13 A “controvérsia ciceroniana” foi uma das polêmicas mais vívidas do século XVI. Inaugurada no século XV, com as polêmicas entre Lorenzo Valla (1407-1457) e Poggio Bracciolini (1380-1459) e, anos mais tarde, com o debate entre Angelo Poliziano (1454-1494) e Paolo Cortesi (1465-1510), a controvérsia ganha força nas primeiras décadas do século seguinte, contrapondo duas interpretações distintas acerca da prática da *imitatio*. De um lado, letrados como Pietro Bembo (1470-1547), defensores da imitação exclusiva de Cícero e que, por essa adesão ao orador

Petrarca jamais defendeu Cícero como modelo único a ser imitado, ainda que não escondesse a sua admiração e predileção pelo orador romano e atribuísse ao estudo das suas obras grande parte da proficiência que adquirira na língua latina.¹⁴ Petrarca claramente atribui pouco peso à relação entre a capacidade natural do orador e a escolha de um único mestre que lhe fosse mais adequado, expressa pela personagem de Antonio no segundo livro do *De Oratore*, e retomada por Cícero no livro seguinte.¹⁵

romano como único modelo possível, ficaram conhecidos como “ciceronianos simples”; de outro, partidários de uma interpretação muito mais próxima daquela de Petrarca acerca da prática da *imitatio* (interpretação essa apoiada na mesma metáfora das abelhas tomada por Petrarca da *Epístola* 84 de Sêneca), advogavam em favor de certo ecletismo na adoção de modelos para a imitação, ainda que Cícero, também para esses, figurasse como um modelo privilegiado. Para este grupo, denominado “ciceronianos ecléticos” e do qual faziam parte homens como Pico della Mirandola (1464-1533), a prática imitativa pressupunha o estudo de modelos diversos, reelaborados conforme as necessidades e as convenções retóricas seguidas pelo “imitador”. (cf. MCLAUGHLIN, *op. cit.* e SARTORELLI, E. C., *Erasmus e a controvérsia ciceroniana*. IN: Erasmo de Roterdã, *Diálogo Ciceroniano*. Tradução e introdução de Elaine Sartorelli. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.)

14 cf. PETRARCA, *De Ignorantia* 172: *Ciceronem fateor me mirari inter, imo ante omnes qui scripserunt unquam, qualibet in gente; nec tamen ut mirari, sic imitari, cum potius in contrarium laborem, nec cuiusquam scilicet imitator sim nimius, fieri metuens quod in aliis non probo.* (Confesso que admiro Cícero entre todos, ou melhor, mais do que todos os que já escreveram, em qualquer lugar, dentre os homens; mas não o imito tanto quanto o admiro, uma vez que faço antes o esforço contrário, para que eu não seja excessivamente imitador de alguém, temendo que aconteça comigo aquilo que não aprovo nos outros.) O texto do *De ignorantia* citado corresponde ao da edição de Enrico Fenzi: cf. *De ignorantia* – Della mia ignoranza e di quella di molti altri. A cura di Enrico Fenzi. Edizione Commentata Bilingüe. Milano: Mursia, 1999.)

15 cf. *De Oratore*, 2.89-90: *vidi statim indolem neque dimisi tempus et eum sum cohortatus ut forum sibi ludum putaret esse ad discendum, magistrum autem quem vellet eligeret; me quidem si audiret, L. Crassum. Quod iste adripuit et ita sese*

Relação esta, como se sabe, nuclear para a concepção de imitação expressa por Cícero nesta obra.¹⁶

De acordo com Martin McLaughlin (2001), a atitude de

facturum confirmavit atque etiam addidit, gratiae scilicet causa, me quoque sibi magistrum futurum. Vix annus intercesserat ab hoc sermone cohortationis meae, cum iste accusavit C. Norbanum, defendente me. Non est credibile quid interesse mihi sit visum inter eum, qui tum erat et qui anno ante fuerat. Omnino in illud genus eum Crassi magnificum atque praeclarum natura ipsa ducebat, sed ea non satis proficere potuisset, nisi eodem studio atque imitatione intendisset atque ita dicere consuesset, ut tota mente Crassum atque omni animo intueretur. (Imediatamente me dei conta da sua índole e não perdi tempo, o exortei a considerar o fórum como uma escola para o seu aprendizado e a escolher o mestre que desejasse; se de fato me ouvisse, seria L. Crasso. Ele aceitou e assegurou que assim o faria, e ainda acrescentou, por certo em agradecimento, que também eu seria seu mestre. Mal havia se passado um ano desta minha exortação naquela nossa conversa quando ele acusou C. Norbano, então defendido por mim. É inacreditável a diferença que me pareceu haver entre o que ele era agora e o que tinha sido um ano antes. A sua própria natureza, de um modo geral, o conduzia na direção daquele magnífico e ilustre estilo de Crasso, mas essa não teria sido eficiente o bastante se ele não tivesse buscado isso com certo estudo e com a imitação, e se não tivesse se habituado a falar de modo tal que observasse a Crasso com todo o pensamento e com todo ânimo.) Cf. ainda *De Oratore*, 3.36, sobre a necessidade de adequar o treinamento ao caráter de cada aluno. Elaine Fantham observa que, enquanto em 3.36, o mestre é entendido como modelo para diversos estilos, em 2.89-90, ele é apresentado de modo bem menos versátil, servindo de molde a um único estilo, de modo que da escolha do professor resultaria determinado estilo discursivo, e a escolha do mestre mais ou menos conveniente à natureza de cada aluno poderia então torná-lo um orador mais ou menos bem sucedido. (cf. FANTHAM, E., “Imitation and Evolution: The Discussion of Rhetorical Imitation in Cicero *De Oratore* 2. 87-97 and Some Related Problems of Ciceronian Theory”. *Classical Philology*, vol. 73 nº 1 (Jan. 1978), pp. 1-16).

16 De acordo com Elaine Fantham (*idem*; p.5), os diferentes *genera dicendi* seriam, para Cícero, resultado de uma combinação de método e escolha do modelo por parte do orador, e a *imitatio* seria o meio para se alcançar o estilo buscado e, consequentemente, a causa primeira do aperfeiçoamento estilístico. (cf. *De oratore* 2. 94-95 e FANTHAM, *ibidem*; p.8)

Petrarca em relação a Cícero foi, em grande medida, determinada por duas passagens encontradas no mesmo livro 10 das *Institutiones Oratoriae*. Na primeira delas, Quintiliano afirma que ‘*aquele que for capaz de admirar o estilo de Cícero, fez já grandes progressos na arte retórica*’¹⁷, e na segunda, ele orienta o orador a não estabelecer uma relação de submissão com nenhum modelo em particular.¹⁸ Estas duas asserções, somadas à recusa petrarquista do emprego de um mesmo léxico que o modelo¹⁹ e de uma imitação marcada pela *identitas* e não pela *similaritas*²⁰, impedem Petrarca, por um lado, de tomar Cícero como modelo único, e por outro, de imitá-lo servilmente.

17 cf. QUINTILIANO, *Institutio Oratoria* 10.1.112: *Quare non immerito ab hominibus aetatis suae regnare in judiciis dictus est; apud posteros vero id consecutus, ut Cicero jam non hominis nomen sed eloquentiae habeatur. Hunc igitur spectemus, hoc propositum nobis sit exemplum, ille se profecisse sciat, cui Cicero valde placebit.* (Por isso é dito pelos homens da sua época que ele, não sem merecimento, reina nos tribunais; entre os pósteros segue-se que Cícero já não é considerado o nome de um homem mas da própria eloquência. Portanto, que nós o observemos; que esse modelo seja um exemplo para nós; que saiba já ter feito progressos aquele que verdadeiramente gosta de Cícero.)

18 cf. *idem*, 10.2.24, *supra cit.*

19 Petrarca recorre às autoridades de Horácio e Quintiliano para a recusa do emprego das mesmas palavras dos modelos adotados. cf. HORÁCIO, *Ars Poetica* 132-3: *nec verbo verbum curabis reddere fidus/interpres nec desilies imitator in artum,/unde pedem proferre pudor vetet aut operis lex.* (e não busques verter, como um tradutor fiel, palavra por palavra, e/nem tampouco pules, como um imitador, em redes das quais o pudor ou a regra da obra impedirá que tu tires o pé.) Texto latino extraído de HORACE, *Epistles Book II and Epistle to the Pisones* (*‘Ars Poetica’*). Edited by Niall Rudd. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. cf. ainda QUINTILIANO, *Inst. Orat.* 2.27: *imitatio...non sit tantum in verbis* (que a imitação não seja tanto das palavras).

20 cf. PETRARCA, *Fam.*23.19.11: *curandum imitatori ut quod scribit simile non idem sit.* (o imitador deve tomar cuidado para que aquilo que escreve seja semelhante e não igual.)

Nas três cartas nas quais define mais claramente a sua poética da imitação, Petrarca recorre a metáforas emprestadas da epístola 84 de Sêneca. Nas duas primeiras (*Fam.*, 1.8 e 22.2), o poeta retoma o símile da abelha que coleta o pólen de diversas flores para transformá-lo em mel²¹ e, na última (23.19), apropria-se da imagem da semelhança entre pai e filho para definir a relação que deve ser guardada entre a nova obra e seu modelo.²²

21 cf. SÊNECA, *Ad Lucilium* 84.3-4: *Apes, ut aiunt, debemus imitari, quae vagantur et flores ad mel faciedum idoneos carpunt, deinde quidquid attulere disponunt ac per favos digerunt et, ut Vergilius noster ait, 'liquentia mella/stipant et dulci distendunt nectare cellas.' De illis non satis constat utrum sucum ex floribus ducant qui protinus mel sit, an quae collegerunt in hunc saporem mixtura quadam et proprietate spiritus sui mutant.* (Segundo dizem, devemos imitar as abelhas, que vagam e sugam as flores adequadas para fazer o mel. Em seguida, tudo aquilo que retiram, dispõem e distribuem pelos favos, e como diz nosso Virgílio, *acumulam o límpido/ mel e enchem os alvéolos com doce néctar*'. Não é claro o bastante se elas extraem das flores o suco que é, de fato, mel, ou se transformam aquilo que recolheram naquele sabor, por meio de uma certa mistura e da propriedade do seu espírito.) Para o texto latino citado neste artigo, cf. SENECA – *Epistolae morales ad Lucilium*. Introduzione, traduzione e note di Caterina Barone; con un saggio di Luciano Canfora. Milano: Garzanti, 1989.

22 cf. PETRARCA, *Fam.* 23.19.11-12: *...curandum imitatori ut quod scribit simile non idem sit, eamque similitudinem talem esse oportere, non qualis est imaginis ad eum cuius imago est, que quo similior eu maior laus artificis, sed qualis filii ad patrem. In quibus cum magna sepe diversitas sit membrorum, umbra quedam et quem pictores nostri aerem vocant, qui in vultu inque oculis maxime cernitur, similitudinem illam facit, que statim viso filio, patris in memoriam nos reducat, cum tamen si res ad mensuram redeat, omnia sint diversa; sed est ibi nescio quid occultum quod hanc habeat vim. Sic et nobis providendum ut cum simile aliquid sit, multa sint dissimilia, et id ipsum simile lateat ne deprehendi possit nisi tacita mentis indagine, ut intelligi simile queat potiusquam dici. Utendum igitur ingenio alieno utendumque coloribus, abstinendum verbis; illa enim similitudo latet, hec eminet; illa poetas facit, hec simias.* (...o imitador deve tomar cuidado para que aquilo que escreve seja semelhante, não igual, e a semelhança deve ser não como aquela entre o original e a cópia, que quanto mais semelhante tanto mais louvável, mas como aquela entre o pai e o filho. Nesses, de fato, ainda que a aparência seja

Ao repropor a metáfora das abelhas, Petrarca muda-lhe, contudo, a ênfase. Sêneca revela não ter certeza se as abelhas coletam o mel pronto das flores, ou se o produzem a partir do acréscimo de um elemento particular. Petrarca considera apenas a segunda possibilidade, e reforça assim a ideia de que o mel e a cera seriam produtos novos, resultante de um processo de transformação do néctar das flores pelas abelhas.²³ Petrarca reconhece que, por vezes, a imitação literal é inevitável, mas considera a reelaboração das ideias de outros autores com palavras próprias e com novo rearranjo uma forma superior de *imitatio*.²⁴

muito diferente, uma certa sombra e aquilo que os pintores chamam “ar”, e que se revela sobretudo no rosto e nos olhos, produz uma semelhança que faz sim com que, vendo o filho, rapidamente nos lembremos do pai, ainda que sob um exame mais atento, tudo pareça diferente; há, contudo, ali algo misterioso, que produz tal efeito. Assim, também nós devemos nos precaver de que, se há algo de semelhante, muito haja de diferente, e aquilo que é semelhante esteja de tal modo escondido que não possa ser descoberto se não com uma tácita investigação do pensamento, de modo que seja possível antes percebê-lo do que descrevê-lo. Portanto, deve-se fazer uso do engenho e das cores de outrém, não das palavras; pois aquela imitação permanece escondida, essa aparece, aquela é própria dos poetas, essa dos símios.)

23 cf. PETRARCA, *Fam.* 1.8.2: *Michi quidem, fateor, de hac re non amplius quam unicum consilium est; quod si fortassis inefficax experimento deprehenderit, Senecam culpabis; at si efficax, sibi non michi gratiam referes; denique, in omnem eventum, illum habeas velim consilii huius auctorem. Cuius summa est: apes in inventionibus imitandas, que flores, non quales acceperint, referunt, sed ceras ac mella mirifica quadam permixtione conficiunt.* (Confesso que, para mim, não há mais que um único conselho a respeito disso; este conselho, se talvez julgares ineficaz à sua experiência, deverás culpar Sêneca; se o julgares eficaz, deverás agradecer a ele e não a mim, e assim, em todo caso, eu gostaria que o considerasses o seu autor. A síntese desse conselho é a seguinte: nas invenções, devem ser imitadas as abelhas, que não restituem as flores tal qual tomaram, mas produzem cera e mel por meio de uma admirável mistura.)

24 cf. *idem*, 1.8.4: *elegantioris esse solertie, ut, apium imitatores, nostris verbis quamvis aliorum hominum sententias proferamus.* (costuma ser mais elegante que,

Assim, importa a Petrarca enfatizar, de modo mais categórico do que o fizera Sêneca, a admirável mistura (*mirifica permixtione*) que leva à transformação do modelo em algo diferente e melhor, promovida por aquele que o imita.²⁵

Petrarca considera necessário seguir os caminhos trilhados pelos grandes modelos do passado, mas entende que há sempre um elemento individual que é traço distintivo do estilo de cada autor²⁶; e ecoando Quintiliano (10.2.10)²⁷ e Horácio (*Ep.* 1.19.21)²⁸, mas reelaborando sobretudo Sêneca (33.1)²⁹, recusa que o processo de

imitando as abelhas, profiramos as sentenças, ainda que de outros homens, com as nossas próprias palavras.

25 cf. *ibidem*, 1.8.24: *nulla quidem esset apibus gloria, nisi in aliud et in melius inventa converterent*. (com efeito, nenhuma glória haveria para as abelhas, se não convertessem o que recolheram em algo diferente e melhor.)

26 cf. PETRARCA, *Fam.* 22.2.17: *Et est sane cuique naturaliter, ut in vultu et gestu, sic in voce et sermone quiddam suum ac proprium, quod colere et castigare quam mutare cum facilius tum melius atque felicius sit*. (É naturalmente saudável que cada um, tanto na expressão e no gestual quanto na voz e no discurso, tenha algo próprio e seu, visto que pode ser mais fácil, e então melhor e mais feliz, cultivá-lo e discipliná-lo do que mudá-lo.)

27 cf. *Inst. Orat.* 10.2.10: *Nam qui agit ut prior sit, forsitan, etiamsi non transierit, aequabit. Eum vero nemo potest aequare, cujus vestigiis sibi utique insistendum putat. Necesse est enim semper sit posterior qui sequitur*. (Pois aquele que age como se fosse superior a outro talvez igualar-se-á ele, ainda que não o supere. Com efeito, ninguém pode igualar-se àquele de cujas pegadas se serve e pensa dever trilhar. É, pois, necessário que este esteja sempre atrás daquele que segue.)

28 cf. HORÁCIO, *Ep.* 1.19.21: *libera per vacuum posui vestigia princeps, non aliena meo pressi pede*. (fui o primeiro a deixar as livres pegadas pelo vazio, pegadas não estranhas ao meu pé imprimi.)

29 cf. SÊNECA, *Ad Lucilium*, 33.11: *Quid ergo? Non ibo per priorum vestigia?*

imitação implique na restrição do imitador aos passos exatos dos modelos adotados. Cito, então, Petrarca:

E então? Sou aquele a quem pode ser útil seguir a trilha dos predecessores, mas nem sempre as pegadas alheias. Sou o que pode querer usar, nos dias de hoje, os escritos de outros autores, e não às escondidas mas por empréstimo; contudo, quando for possível, preferirei os meus. Sou aquele a quem pode agradar a semelhança não a identidade, e uma semelhança não excessiva, na qual sobressaia a luz dos engenhos dos que seguem e não a sua cegueira e pobreza. Sou aquele que pode julgar mais conveniente ter carecido de um guia do que ter sido coagido a seguir um em todas as coisas. Não quero um guia que me amarre mas sim um que me preceda; que meus olhos estejam com o guia, mas que haja discernimento, que haja liberdade; que eu não seja impedido, quando quiser, de fincar o meu pé, de preferir umas coisas e tentar outras inacessíveis. Ou ainda, se o espírito suporta algo mais breve, que me seja permitido seguir um caminho mais plano e acelerar e frear e me afastar e retroceder.³⁰

Ego vero utar via vetere, sed si propiorem planioremque invenero, hanc muniam. Qui ante nos ista moverunt non domini nostri sed duces sunt. Patet omnibus veritas; nondum est occupata; multum ex illa etiam futuris relictum est. (E então? Não irei pelas pegadas dos que me precederam? Que eu use sim a velha trilha, mas se eu encontrar uma mais curta e plana, trilharei essa. Aqueles que antes de nós motivaram estas coisas não são nossos senhores mas nossos guias. A verdade é acessível a todos; e ainda não foi dominada; muito dela ainda resta aos pósteros.)

30 cf. PETRARCA, *Fam.* 22.2.20-21: *Sum quem priorum semitam, sed non semper aliena vestigia sequi iuvel; sum qui aliorum scriptis non furtim sed precario uti velim in tempore, sed dum liceat, meis malim; sum quem similitudo delectet, non identitas, et similitudo ipsa quoque non nimia, in qua sequacis lux ingenii emineat, non cecitas non paupertas; sum qui satius rear duce caruisse quam cogi per omnia duces sequi. Nolo duces qui me vinciat sed precedat; sint cum duce oculi, sit*

A prática petrarquista, sobretudo em sua obra latina, corrobora em grande medida os preceitos imitativos que Petrarca estabelece. Embora ele proponha um amplo retorno aos grandes modelos da latinidade, não se abstém de recorrer a expressões e sentidos próprios do latim do seu tempo³¹, apresentando um estilo conscientemente inusual entre os seus contemporâneos. Vale lembrar que, a despeito de, por vezes, recorrer a um léxico ou à semântica características do latim dito medieval, é recorrente em Petrarca a recusa do estilo em uso na sua época, particularmente aquele da curia, bem como de parte dos modelos mais frequentemente adotados pelos seus coetâneos. Em contrapartida,

iudicium, sit libertas; non prohibear ubi velim pedem ponere et preterire aliqua et inaccessa tentare; et brevior sive ita fert animus, planior callem sequi et properare et subsistere et divertere liceat et reverti.

31 cf. PETRARCA, *Sen.*16.10.1: *loquor autem nostro more, non veterum, apud quos intercedere impedire est.* (mas falo segundo o nosso costume, não segundo o dos antigos, entre os quais *intercedere* significa o mesmo que *impedir*). O presente texto latino das *Seniles* corresponde ao da edição de Silvia Rizzo: PETRARCA. *Res Seniles*. A cura di Silvia Rizzo con la collaborazione di Monica Berté. Firenze: Le Lettere, 2006-2014. (3 volumes)

Sobre o latim de Petrarca, cf. RIZZO, S. “Il Latino del Petrarca e il Latino dell’Umanesimo.” *Quaderni Petrarcheschi IX-X* (1992-1993). Firenze: Casa Editrice Le Lettere, pp. 352-353: “*Nel suo latino c’è ancora moltissimo di medievale, e ciò sarà certo dovuto in parte alle cause additate dagli umanisti, cioè l’inevitabile influenza esercitata dalla sua formazione scolastica e più in generale dallo stile dominante ai suoi tempi (la barbarie dei tempi) e la conoscenza ancora limitata delle opere dell’antichità classica, conoscenza che il Petrarca aveva certo contribuito ad allargare in maniera decisiva, ma che l’età eroica delle scoperte avrebbe ancora notevolmente ampliato. Ma il motivo fondamentale, come cercherò di spiegare, sta a mio avviso nel fatto che gli ideali stilistici del Petrarca erano bem diversi da quelli dell’Umanesimo maturo e in essi non aveva assolutamente posto il rigoroso classicismo o addirittura il ciceronianismo a cui il movimento umanistico avrebbe finito coll’approdare in certe sue correnti estreme.*” Para o testemunho de Petrarca sobre a novidade do seu estilo, cf. *Fam.*, 13.5.

Petrarca propunha a imitação direta dos mais excelentes entre os autores “antigos”. A prática de Petrarca corresponde à doutrina poético-retórica que propõe, e tanto o seu estilo quanto o seu latim, de fato, afastam-se daqueles que caracterizam os escritos dos *dictatores* do seu tempo. A este respeito, escrevendo a um notário coetâneo, diz Petrarca:

A tua carta me provocou não pouco espanto; de fato, ela apresentava um estilo novo quando comparado ao dos antepassados e também insólito entre nós: muitas vezes me repreendes para que eu seja um único, íntegro, e tomara, não disperso em meio a tantas belezas de sentenças divergentes entre si. Eu não mudarei meu estilo, do qual nos servimos mutuamente, nós e todos os doutos de outrora, e execrarei os mimos e as simples inépcias dos modernos, e justamente em relação a isso mesmo me vangloriarei de modo afetuoso diante de ti. Pois apenas eu, ao menos na Itália, pareço ter modificado aquele estilo dos nossos pais, afeminado e lânguido, e o ter reconduzido a um estilo viril e sólido.³²

Nota-se um manifesto esforço para distinguir o seu estilo daquele próprio à *ars dictaminis* e daquele que caracterizaria os

32 cf. PETRARCA, *Fam.* 23.14: *Non exiguum in stuporem tua me traxit epystola; novus enim in primis ac nobis insolitus stilus erat: pluraliter me compellas cum sim unus, integerque utinam nec in multa dissidentium sententiarum bella distractus. Ego stilum non mutabo, quo et docti olim omnes et nos diu invicem usi sumus, modernorumque blanditias ac meras ineptias execrabor, inque hoc ipso verecunde tecum ac familiariter gloriabor, quod stilum illum patrum, hac in parte femineum et enervem, unus ego, seu primus saltem per Italia, videor immutasse et ad virilem ac solidum redegissem.*

escolásticos quer lhe eram coetâneos, mas isso sem se limitar, necessariamente, a um uso estrito do léxico e da sintaxe de determinados autores antigos ou confinar-se à imitação de um único modelo. As subsequentes revisões a que submeteu as suas *Familiars* indicam certo movimento no sentido de retornar aos padrões da mais elaborada prosa latina; é a partir desse pressuposto que parece ser mais adequado compreender a supressão de determinados medievalismos, ainda que Petrarca não o faça de modo exaustivo e sistemático. Em linhas gerais, Petrarca tende a restituir os usos típicos do latim que considerava clássico³³, mas sem fazer desse princípio uma norma rígida, o submete às suas preferências poético-retóricas em cada uso particular.³⁴ Assim,

33 De acordo com Martellotti (*op. cit.*, pp. 290-291), Petrarca não faz considerações históricas sobre o latim como “*cosa viventi soggetta a un divenire*”, nem tampouco faz distinções cronológicas entre “latim arcaico”, “clássico” e “tardio”. A este respeito, cf. também Rizzo (1992-93; p. 355): “...il Petrarca condivide la visione medievale del latino come strumento artificiale creato per la comunicazione scritta del sapere e per superare la molteplicità e variabilità delle lingue parlate conseguita alla confusione babelica: una volta che il latino antico è visto al pari di quello moderno come lingua secondaria, distinta dalla lingua parlata e appresa a scuola anziché dai genitori e dalle nutrici, moderni e antichi vengono ad essere in sostanza sullo stesso piano e ad avere in linea di principio le stesse possibilità e gli stessi diritti.”

34 cf. Rizzo, *op. cit.*, p. 354: “Un esame delle correzioni da lui [Petrarca] apportate al testo delle sue lettere quando le inserì nella raccolta delle *Familiars*, dei cui risultati ho dato un primo resoconto nel mio *Il Latino del Petrarca nelle Familiars*, mi ha permesso di documentare con dovizia di esempi, sviluppando un suggerimento del Pasquali, la larga presenza di correzioni ‘classicizzanti’, correzioni cioè che sostituiscono vocaboli e costrutti più classici ad altri tardoantichi o medievali. Ma la mia indagine mi ha anche consentito di precisare che questo adeguamento alla norma classica non è né sistematico né rigoroso e che ci sono addirittura, seppure assai rari, esempi di correzioni che muovono in direzione opposta. In questi casi è interessante che siano spesso evidenti particolari esigenze stilistiche che hanno indotto il Petrarca a preferire nel caso specifico l’uso medievale.” E cf. também

por um lado, ele procurava eliminar das suas epístolas ornatos e construções comumente empregados pelos escritores de *dictamen*, e por outro, pretendia que a sua prosa latina fosse mais elevada e ornada do que o estilo proposto pelos “dialéticos” e por todos os *magistri artium* que os seguiam no emprego, no ensino e na defesa de uma linguagem que Petrarca considerava deselegante e própria dos bárbaros.³⁵

Um exame atento e sistemático das posições petrarquistas, entretanto, nos permite notar que para além de uma disputa exclusivamente linguística e/ou estilística, Petrarca está tomando parte numa polémica mais ampla, polémica que parece antes ser filosófica, e é sobretudo sob esse aspecto que Cícero desponta como a sua autoridade latina preferida e mais vezes referida.

Como se sabe, a patrística tomou de Cícero a noção de que é a linguagem o que distingue os homens dos outros animais, e o conseqüente corolário segundo o qual *quanto melhor se fala, melhor se é homem*. Tanto no *De Inventione* quanto no *De Oratore* encontra-se a formulação de que é pela eloquência que os homens superam outros homens, e o fazem por intermédio daquilo que os faz superiores a todos os outros animais. Assim, o cultivo da eloquência é o cultivo da própria humanidade. Sob esta perspectiva, que é também a de Petrarca, a eloquência é inseparável da sabedoria. O *doctus orator* é, ao mesmo tempo,

RIZZO, S. “Il latino del Petrarca nelle *Familiari*.” IN: A.C. Dionisotti, A. Grafton e J. Kraye (eds.), *The uses of Greek and Latin*. London: The Warburg Institute, 1988, p. 41-56.

35 cf. GARIN, E. “La cultura fiorentina nella seconda metà del 300 e i ‘barbari britanni’”. *La Rassegna delle letterature italiana*. Anno 64 – Serie VII. Firenze: Sansoni-Firenze, 1960. pp.181-195.

eloquente e filósofo.³⁶ Ao advogar em favor de uma educação do homem cristão fundada sobre o patrimônio letrado latino, organizada com base na associação entre o conceito ciceroniano de *humanitas* e a exegese das letras sagradas (*studia divinitatis*), Petrarca acaba por defender a primazia da filosofia moral, de uma filosofia do homem, sobre quaisquer investigações lógicas, físicas ou metafísicas. Nesse sentido, o poeta sustenta uma outra proposta de educação que se contrapunha ao método da *quaestio*

36 cf. CÍCERO, *De oratore*, III, 142, 3: *Nunc sive qui volet, eum philosophum, qui copiam nobis rerum orationisque tradat, per me appellet oratorem licet; sive hunc oratorem, quem ego dico sapientiam unctam habere eloquentiae, philosophum appellare malet, non impediam; dum modo hoc constet, neque infantiam eius, qui rem norit, sed eam explicare dicendo non queat, neque inscientiam illius, cui res non suppetat, verba non desint, esse laudandam; quorum si alterum sit optandum, malim equidem indisertam prudentiam quam stultitiam loquacem; sin quaerimus quid unum excellat ex omnibus, docto oratori palma danda est; quem si patiuntur eundem esse philosophum, sublata controversia est; sin eos diiungent, hoc erunt inferiores, quod in oratore perfecto inest illorum omnis scientia, in philosophorum autem cognitione non continuo inest eloquentia; quae quamvis contemnatur ab eis, necesse est tamen aliquem cumulum illorum artibus adferre videatur.* (Agora, se alguém assim o quiser, considero lícito que chame orador aquele filósofo que nos transmite uma grande quantidade de noções e de discursos; se preferir chamar filósofo este orador que eu afirmo possuir a lauta sabedoria da eloquência, não o impedirei, contanto que fique claro que não deve ser louvada nem a incapacidade de falar daquele que conhecesse a matéria, mas, falando, não fosse capaz de explicá-la, nem a ignorância daquele para o qual não abunda a matéria, mas não faltam as palavras. Caso se deva escolher um dentre estes, eu decerto prefiro uma prudência imperita que uma estultícia loquaz. Porém, se investigarmos, dentre todas as coisas, uma única que sobressaia, a primazia deve ser dada ao orador douto. Caso consintam que este douto orador seja filósofo, a controvérsia está resolvida; caso os separem, o último será inferior, porque no orador perfeito há todo o conhecimento próprio dos filósofos, mas disso não se tem como consequência que há eloquência no saber dos filósofos. Ainda que menosprezada por eles, é necessário que a eloquência pareça, contudo, proporcionar às suas artes um certo coroamento.)

escolástica ou *quaestio disputata*³⁷, e estabelece um modelo de *sabedoria* calcado na figura do *sapiens* ciceroniano já cristianizado por Agostinho e Boaventura.

A doutrina de Boaventura, assim como a agostiniana, estabelece como meta o amor a Deus, e entende portanto que todas as vias capazes de conduzir o homem a ele pertencem à teologia; as ciências do homem, entre as quais a ‘filosofia pagã’, poderiam apenas auxiliá-lo.³⁸ Neste sentido, a doutrina do mestre franciscano também consiste num itinerário da alma até Deus; ela busca ensinar *por qual modo o homem tende, por coisas diversas, em direção a Deus*, e precisamente nisto consistiria toda a filosofia: em mostrar este universo cujos objetos ensinam sobre Deus e inclinam a ele. Para Boaventura, o conhecimento demonstrável não seria seguro, e este *filósofo* proposto pelos chamados aristotélicos ou *logici modernorum* deveria confiar menos no que sabe do que o fiel naquilo que crê; assim, ele considera que é a fé na Revelação a fonte de toda especulação filosófica. Boaventura, contudo, aceita que não há necessidade de fé onde a razão é suficiente para determinar o assentimento,

37 cf. LAWN, B. *The Rise and Decline of the scholastic Quaestio Disputata*. Leiden: Brill, 1993.

38 cf. GILSON, *A filosofia na Idade Média*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, pp. 544-545: *A filosofia deve ajudar-nos a realizar nosso desígnio, de tal sorte que, seguindo os passos de seus predecessores, aderindo voluntariamente às doutrinas dos mestres, em especial de seu pai e mestre, irmão Alexandre de Hales, de bem-aventurada memória, Boaventura não hesitará, porém, em acolher, das novas doutrinas, tudo o que lhe permitirá completar as antigas: non enim intendo novas opiniones adversare, sed communes et approbatas retexere. É esse o espírito que anima sua obra capital, o Comentário sobre as Sentenças, assim como seus numerosos tratados e opúsculos, como o Itinerarium mentis in Deum, nos quais sua doutrina se acha desenvolvida.*

mas ressalta que a fé diz respeito a questões mais elevadas, cujo acesso pela nossa imperfeita razão nos seria vetado. A estes objetos elevados aderiríamos, então, por amor e não pela razão, e o assentiríamos pelo ato de fé e não pela persuasão racional. Nesse sentido, a filosofia serviria para nos fornecer as razões para a nossa crença, permitindo-nos fruir mais intensamente de um objeto que amamos.

Portanto, a defesa petrarquista desta perspectiva filosófica acaba por implicar numa divergência entre o poeta e seus adversários a respeito do modelo de *sapiens* a ser tomado para imitação pelo homem cristão. A adesão de Petrarca ao modelo proposto por Agostinho e depois por Boaventura, emulado, como se disse, na imagem do sábio ciceroniano mas moralizado até fundar-se numa *sapientia cristocêntrica* que dissolve toda a dialética entre *crer* e *compreender*³⁹, o leva, conseqüentemente, a se contrapor, radicalmente, ao novo modelo de *sapiens* ou *philosophus*, fundado sobre uma imagem do saber como construção humana, desprovida de pretensão apologética, representada por uma rede de teoremas sintaticamente válidos, mas nem sempre verdadeiros quando submetidos ao critério absoluto da fé, e que vinha se impondo majoritariamente nos ambientes escolásticos. Sob este ponto de vista, esta dissenção diz respeito, em última instância, a um embate entre dois projetos distintos de educação do homem cristão.

Assim, ao atribuir, com base nas autoridades latinas e cristãs, valor cognoscitivo às *humaniores litterae* (doutas letras), Petrarca recusa sistematicamente os princípios especulativos e,

39 cf. BIANCHI, L. *Il Vescovo e i filosofi: la condanna parigina del 1277 e l'evoluzione del aristotelismo scolastico*. Bergamo: P. Lubrina, 1990; p. 114.

com frequência, rebaixa as formas discursivas adotadas pelas investigações naturais, lógicas e metafísicas que dominavam os grandes centros escolásticos do seu tempo. Em contrapartida, ressalta a superioridade de uma sabedoria fundada sobre a moral, adquirida através dos grandes exemplos do passado, e efetuada no exercício da virtude.⁴⁰

Embora conhecedor ‘dos diversos platonismos’, e sobretudo de Cícero⁴¹ e Agostinho⁴², Petrarca não lia o grego e

40 cf. AGOSTINHO, *Confessiones*, V, 5, 8: ‘*Dixisti enim homini, Ecce pietas est sapientia. (Job XXVIII, 28, sec. LXX). IN: Migne, Patrologia Latina, XXXII.*

41 Cícero é o autor mais citado por Petrarca, e a sua obra mais mencionada são as *Tusculanae disputationes*. Também refere, diretamente ou não, o *De officiis*, o *De brevitae vitae*, o *De clementia*, o *De ira* e as cartas a Lucílio de Sêneca; sem falar de Apuleio, Aulo Gélíio, Virgílio, Plínio e Macróbio. Todos mencionados por suas referências a Platão. Cf. ZINTZEN, C. “*Il platonismo del Petrarca*”. Quaderni Petrarcheshi, IX-X, 1992-1993; pp. 98-99.

42 Das obras de Agostinho, são amplamente conhecidas por Petrarca o *De doctrina christiana*, o *De vera religione*, os *Sermones* e os *Soliloquia*, algumas cartas, os comentários aos Salmos, o *De civitate Dei* e as *Confessiones*. Ainda dentre os cristãos (*ex nostris*), Petrarca menciona as referências platônicas encontradas em Ambrósio, Jerônimo e Lactâncio. Cf. *De ignorantia: Et quis, inquiet, principatum hunc Platoni tribuit? – Ut pro me respondeam, non ego, sed veritas, ut aiunt, etsi non apprehensa visa tamen illi propiusque adita, quam ceteris. Dehinc magni tribuunt auctores, Cicero primum et Virgilius, non hic quidem nominando illum, sed sequendo, Plinius pretere, et Plotinus, Apuleius, Macrobius, Porphirius, Censorinus, Iosephus et ex nostris Ambrosius, Augustinus et Ieronimus multique alii. Quod facile probaretur, nisi omnibus notum esset*. (E quem, dirão, atribui o principado a Platão? – Para que eu responda à minha maneira: não eu, mas a verdade, como dizem, e ainda que esta não tenha sido apreendida, foi, contudo, vista e trazida para mais perto por ele do que pelos outros. A partir disso, grandes autores atribuíram-no tal principado, primeiramente Cícero e Virgílio, este último, decerto, não nomeando-o mas seguindo-o, depois de Plínio, Plotino, Apuleio, Macróbio, Porfírio, Censorino e José; e, dentre os nossos, também o seguiram Ambrósio, Agostinho, Jerônimo e tantos outros. De modo que, se isso não fosse conhecido por todos, poderia ser facilmente comprovado.) cf. PETRARCA, *De*

não conhecia, diretamente, os diálogos de Platão, dependendo, portanto, das poucas traduções latinas que circulavam na época, além das obras e comentários dos platônicos.⁴³ Todavia, o uso que faz Petrarca, tanto do exemplo de Platão quanto de tópicos platônicos ou socráticos, aparece, no mais das vezes, vinculado à sua concepção de filosofia como um caminho para a mente de Deus (*itinerarium mentis in Deum*). É certo que, como pensador cristão, Petrarca não considerava possível obter a salvação nem a partir da filosofia platônica nem através das obras ciceronianas, uma vez que somente as verdadeiras fontes da Revelação seriam capazes de concedê-la. O poeta, contudo, acreditava que o homem poderia, pela admiração dos *exempla*, ser movido em direção a Deus. É para sustentar esta concepção que Petrarca não apenas se apoia na autoridade de homens do passado considerados por ele os grandes defensores da primazia da filosofia moral, quanto busca se estabelecer como um representante deste tronco de ‘iluminados’ como ele costumava classificar Sócrates, Platão, Cícero e Sêneca.

Petrarca constrói assim o seu alinhamento às *auctoritates* que, cristãs ou ‘potencialmente cristãs’, considera terem

ignorantia. IN: F. Petrarca, *Prose*. A cura di G. Martelotti, P.G. Ricci, E. Carrara e E. Bianchi. Milano – Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1954, pp. 750.

43 Cf. PETRARCA, *Secretum*, II: *Incubueram, fateor; alacri spe et magno desiderio; sed peregrine lingue novitas et festinata preceptoris absentia preciderunt propositum meum. Ceterum ista michi, quam memoras, disciplina et ex scriptis tuis (scil. Augustini) et ex aliorum platoniorum relatione notissima est.* (Eu me aplicara, admito, com áacre esperança e grande desejo; mas a singularidade da língua estrangeira e a partida prematura do meu preceptor interromperam o meu propósito. Além disso, este ensinamento, a que te referes, fez-se conhecidíssimo para mim seja a partir dos teus escritos (isto é, de Agostinho) seja a partir do relato dos outros platônicos.) IN: F. Petrarca, *Prose*; pp. 98-100.

contribuído, a exemplo de Platão e Cícero, para a santificação do homem na terra pela prática virtuosa, e, conseqüentemente, para a salvação da sua alma. Desta forma, ao declarar seguir as trilhas de Cícero, ele está argumentando em favor do estabelecimento de uma doutrina teológico-retórica centrada nos *studia humanitatis* e, ao mesmo tempo, se apropriando da noção de filosofia entendida como um modo de vida particular, distinto dos demais e caracterizado pela necessária consideração da prática moral do filósofo. Enquanto os modernos mestres de importantes centros escolásticos contemporâneos ao poeta afirmavam a separação entre o modelo de vida estabelecido pelo cristianismo e o discurso propriamente filosófico, e alimentavam uma autonomia, ao menos formal, entre a *doutrina cristã* e a *filosofia*⁴⁴, Petrarca emula a noção de filosofia como *amor da sabedoria*. Juntamente com Agostinho e os outros Padres da Igreja, compreende a *philosophia* como *amor de Deus*, a única e verdadeira sabedoria. Ao inserir essa noção no centro da sua reflexão e dos debates que promoveu, ressaltando a sua própria realização pessoal como o paradigma de uma vida consagrada não apenas ao ensino mas à prática das virtudes, Petrarca inaugura um posicionamento diante da filosofia que será adotado por autores posteriores. Nessa perspectiva, a realização moral é considerada a mais alta expressão possível da racionalidade humana. Deste modo, mais do que reafirmar a exigência de incorporar na filosofia a vida moral efetiva dos filósofos, o poeta buscou fazer da sua própria imagem, retratada nas suas obras, um modelo exemplar para os homens tal como

44 Proposição que culminou, por sua vez, na definição de *philosophus* como comentador de Aristóteles.

considerava que Cícero o tinha sido.⁴⁵ Neste sentido, a imitação do modelo ciceroniano, aliado à outros grandes *exempla* do passado, é, em Petrarca, não apenas um elemento regulador da sua prática discursiva, mas sim um princípio nuclear na construção do *ethos* necessariamente virtuoso do orador cristão. Assim, pode-se dizer que na perspectiva petrarquista, a constituição deste douto orador e o seu estabelecimento como *exemplum* de prática ativa virtuosa é parte consequente do processo de *imitatio*.

Na perspectiva do poeta, a verdadeira sabedoria implicaria necessariamente a consciência do próprio limite, e neste sentido, seria uma forma particular de não saber: leitura, em chave cristã, da sabedoria socrática *só sei que nada sei*.⁴⁶ À presunção dos doutos do seu tempo, que, segundo Petrarca, criam ser possível alcançar a felicidade suprema a partir, somente, das suas operações intelectivas, o poeta contrapõe, então, a feliz humildade do verdadeiro sábio, daquele que reconhece como única certeza a sua própria natureza imperfeita e mortal. A posição do poeta extrapola a contraposição entre ciência e moral; a sua pretensa aversão pelas especulações físicas e metafísicas norteadas pelo dito aristotelismo dos *magistri artium* do seu tempo está, como se viu, necessariamente associada à defesa de um modelo de sabedoria fundado no conhecimento das letras antigas, enraizado na prática moral e cristalizado por autores como Agostinho.

As inúmeras polémicas travadas por Petrarca o levam a renovar categorias diversas daquelas em voga no seu tempo, e a idéia norteadora de toda a sua produção parece ser precisamente a

45 Para a fortuna desta *persona* petrarquista, cf. BOCCACCIO, G. *Vita di Petrarca* e também BRUNI, L. *La vita di Messier Francesco Petrarca*, 1650.

46 cf. PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 21d-e.

construção do *exemplum* moral para esta prática de vida cristã, que deveria, por força, corresponder aos resultados da sua elaboração discursiva e da sua prática ativa e intelectual. É justamente a retomada e a atualização desta concepção que se costuma apontar como a linha condutora de Petrarca no confronto da filosofia e do patrimônio letrado da antiguidade: ele manifestamente centra a sua atenção na condição existencial do homem e estende os critérios do juízo moral à toda atividade intelectual, pois considera que a mensagem ética tem primazia sobre qualquer lição cognoscitiva. O juízo moral tem, para o poeta, valor universal e edificante, enquanto todo o saber humano, incluindo a lógica e o dito aristotelismo em voga entre seus contemporâneos, seriam apenas parte imperfeita de uma sabedoria maior e indefinida. É nesse sentido que ele recusa a postura dos seus adversários, classificando-a como *soberba filosófica*. Evocando sempre os limites impostos ao homem por sua natureza mortal, Petrarca propõe uma noção de conhecimento intelectual que coincide, necessariamente, com a consciência ética do sábio. Como se trata, obviamente, de uma ética cristã, o poeta retoma a máxima platônica, reposta por Cícero e por Sêneca, e define que a vida do filósofo nada mais é do que preparação para a morte.⁴⁷ Assim, a única felicidade possível para Petrarca é fruto não das operações puramente intelectuais que seus adversários consideravam levar ao sumo bem, mas sim da certeza da correta

47 cf. PLATÃO, *Fédon*, 67d. e cf. CICERO, *Tusc.*, I, 74: *Tota enim philosophorum vita, ut ait idem* (scil. Sócrates) *commentatio mortis est.* (Com efeito, toda a vida dos filósofos, como ele mesmo (*isto é, Sócrates*) diz, é uma meditação sobre a morte.) Cf. SÊNeca, *Ad Lucilium*, 114, 27: *Nihil tamen aequae tibi profuerit ad temperantiam omnium rerum quam frequens cogitatio brevis aevi et huius incerti: quidquid facies, respice ad mortem.* (Nada, contudo, te ajudará tanto a alcançar a temperança em todas as coisas quanto o pensamento constante na brevidade e incerteza deste tempo: o que quer que faças, considera a morte.)

orientação em direção à felicidade, certeza essa fundada na máxima apolínia *nosce te ipsum*.

O argumento, como se sabe, é platônico-agostiniano, mas é de Petrarca a elaboração que permitiu que tal argumentação sustentasse, nas suas polêmicas e nos debates humanistas subsequentes, a primazia da ética sobre as demais investigações conduzidas pelo homem. Foi este edifício que levou Petrarca a renovar o costume moral e pedagógico, e a impor-se como modelo para os pósteros à maneira de Cícero. Em outras palavras, aos valores e conceitos consagrados, Petrarca acrescenta outros significados, adequados à realidade do seu auditório. A novidade petrarquista, portanto, não parece estar na criação de novos aparatos conceituais, mas sim na manipulação engenhosa de fórmulas correntes e convencionadas por um antigo costume poético e filosófico.

Referência bibliográfica

ACCAME LANZILOTTA, M. “Le postille del Petrarca a Quintiliano (Cod. Parigino lat. 7720)”, Quaderni Petrarqueschi, 5 (1988).

BLANC, P. “Pétrarque lecteur de Cicéron. Les Scolies pétrarquiennes du *De Oratore* et de l’*Orator*.” Studi Petrarqueschi, 9, 1978; pp. 109-166.

BIANCHI, L. *Il Vescovo e i filosofi: la condanna parigina del 1277 e l’evoluzione del aristotelismo scolastico*. Bergamo: P. Lubrina, 1990.

CICERO. *De Oratore*. The Loeb Classical Library. London; Cambridge: Heinemann; Harvard University Press, 1976-82.

CICERO. *Tusculan Disputations*. The Loeb Classical Library. Cambridge: Heinemann; Harvard University Press, 1927.

BOCCACCIO, G. *Vita di Petrarca*. A cura di G. Villani. Roma: Salerno Editrice, 2004.

DANTE. *Il Convivio*. A cura di Franca Brambilla Ageno. Firenze: Le Lettere, 1995.

DANTE. *De vulgari eloquentia*. Introduzione, traduzione e note di Vittorio Coletti. Milano: Garzanti, 2000.

DANTE. *Tutte le opere*. Roma: Newton Compton Editori, 1993. (Terza edizione di 2005)

FANTHAM, E. “Imitation and Evolution: The Discussion of Rhetorical Imitation in Cicero *De Oratore* 2. 87-97 and Some Related Problems of Ciceronian Theory”. *Classical Philology*, vol. 73 nº 1 (Jan. 1978), pp. 1-16.

GARIN, E. “La cultura fiorentina nella seconda metà del 300 e i ‘barbari britanni’.” *La Rassegna della Letteratura Italiana*. Firenze: Anno 64, Serie VII, Sansoni-Firenze, 1960. pp. 181-195.

GILSON, E. *A filosofia na Idade Média*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HORACE. *Epistles Book II and Epistle to the Pisones ('Ars Poetica')*. Edited by Niall Rudd. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

MARTELOTTI, G. “Latinità di Petrarca”. *Studi Petrarqueschi*, 7, 1961, pp. 219-30; publicado novamente em MARTELOTTI, G. *Scritti Petrarqueschi*, ed. Michele Feo e Silvia Rizzo, 1983, pp. 290-301.

MCLAUGHLIN, M. *Literary Imitation in the Italian Renaissance. The theory and Practice of Literary Imitation in Italy from Dante to Bembo*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

MIGNE, J. P. - *Patrologia Latina Database*. Edição em CD-ROM. Alexandria: Chadwyck-Healey, 1993-96.

NOLHAC, P. *Pétrarque et l'humanisme*. Paris: H. Champion, 1907.

PETRARCA. *Prose*. A cura di G. Martelotti, P.G. Ricci, E. Carrara e E. Bianchi. Milano – Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1954.

PETRARCA. *De ignorantia – Della mia ignoranza e di quella di molti altri*. A cura di Enrico Fenzi. Edizione Commentata Bilingüe. Milano: Mursia, 1999.

PETRARCA. *Le Familiari*. Edizione Critica per cura di V. Rossi. (volume 4 a cura di U. Bosco). Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 1942 (reimpressão de 2008).

PETRARCA. *Res Seniles*. A cura di Silvia Rizzo con la collaborazione di Monica Berté. Firenze: Le Lettere, 2006-2014 (3 volumes)

PETRARCA. *Secretum*. Il Mio Segreto. A cura di Enrico Fenzi. Edizione Commentata Bilingüe. Milano: Mursia, 1992.

QUINTILIEN. *Institution Oratoire*. Texte revue e traduit avec introduction et notes par Henri Bornecque. Paris: Librairie Garnier Frères, s/d. (4 volumes)

SENECA. *Epistolae morales ad Lucilium*. Introduzione, traduzione e note di Caterina Barone; con un saggio di Luciano Canfora. Milano: Garzanti, 1989.

RIZZO, S. “Il latino del Petrarca nelle Familiari.” IN: Dionisotti, A.C.; Grafton

A. and Kraye, J. (eds), *The uses of Greek and Latin*. London: The Warburg Institute, 1988; pp. 41-56.

RIZZO, S. “Il Latino del Petrarca e il Latino dell’Umanesimo.” Quaderni Petrarqueschi IX-X, 1992-1993. Firenze: Casa Editrice Le Lettere. pp. 349-365.

SARTORELLI, E. C. Erasmo e a controvérsia *ciceroniana*. IN: Erasmo de Roterdã, *Diálogo Ciceroniano*. Tradução e introdução de Elaine Sartorelli. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

ZINTZEN, C. “Il platonismo del Petrarca”. Quaderni Petrarcheshi, IX-X, 1992-1993. Firenze: Casa Editrice Le Lettere. pp. 98-99.